

A PAISAGEM E AS RURALIDADES NO BAIRRO RIACHO DO MEIO EM PAU DOS FERROS-RN

Stênio Maia Estevam (1); Alcimária Fernandes da Silva (2); Boanerges de Freitas Barreto Filho (3);
Orientador: Dr. Cícero Nilton Moreira da Silva (4).

1 Mestrando do Programa de Pós Graduação em Planejamento de Dinâmicas Territoriais no Semiárido da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte PLANDITES/UERN, E-mail: alcimariafernandes@hotmail.com

2 Mestranda do Programa de Pós Graduação em Planejamento de Dinâmicas Territoriais no Semiárido da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte PLANDITES/UERN, E-mail: boanerges.sms@hotmail.com

3 Mestrando do Programa de Pós Graduação em Planejamento de Dinâmicas Territoriais no Semiárido da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte PLANDITES/UERN, E-mail: steniopinheiromaia@hotmail.com

4 Professor do Programa de Pós Graduação em Planejamento de Dinâmicas Territoriais no Semiárido da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte PLANDITES/UERN, E-mail: ciceronilton@yahoo.com.br

Resumo do artigo: Mesmo com as diversas transformações que ocorreram nos espaços urbanos, ainda é perceptível a existência de elementos e características de ruralidades em diversas áreas, principalmente, nas cidades do Semiárido brasileiro. Tendo em vista estes aspectos, o artigo analisa, por intermédio da leitura das paisagens e relatos de experiência vivida, as características e os elementos rurais existentes no bairro Riacho do Meio, no município de Pau dos Ferros-RN. Para tanto, utilizamos basicamente Dantas (2016), Serpa (2010), Veiga (2016), entre outros. Desse modo, procedeu-se metodologicamente ao levantamento de informações e dados referentes ao bairro, registraram-se as paisagens através de fotografias e relatos dos moradores mais antigos, através da aplicação de entrevistas. Assim, foi possível perceber as ruralidades pelos elementos dispostos na configuração da paisagem, bem como, através dos hábitos e modos de vida de parte dos moradores que ressaltaram as práticas produtivas, predominantemente rurais executadas no espaço urbano delimitado para a pesquisa.

Palavras Chaves: Espaço urbano; Ruralidades; Paisagem.

1 INTRODUÇÃO

O processo de urbanização se intensificou a partir da revolução industrial inglesa, atribuindo-lhe ritmo mais acelerado para a migração de contingentes populacionais significativos para os centros industriais.

O deslocamento para as cidades, em muitos casos e circunstâncias, não foi acompanhado de iniciativas governamentais para dotação de infraestrutura urbana para acomodar adequadamente a massa populacional e os resultados sociais deletérios são visíveis até hoje nos centros urbanos, especialmente, nos países denominados como não desenvolvidos.

O Brasil pode ser considerado um caso emblemático de uma transição de país agrário exportador para urbano industrial. No entanto, essa transição foi realizada de forma muito rápida e

desordenada, a partir de meados do Século XX, destacando-se a aglomeração nas periferias de São Paulo e outros centros industriais do Centro-Sul, com consequências econômicas, sociais e ambientais.

A quase inexistência de políticas públicas para promover o ordenamento territorial nas cidades mais dinâmicas desembocou numa transição rural-urbana através da ocupação irregular de áreas impróprias para construção de moradias (áreas de não-amenidades, tais como: interflúvios de rios, encostas de serras etc.), e o “modelo” de crescimento urbano não ficou restrito às regiões metropolitanas.

As áreas com potencial de expansão urbana logo se constituíram em ativos especulativos, controlados por grupos econômicos atuantes na área da construção civil. Além disso, os espaços urbanos que receberam investimentos públicos, quase sempre, foram relativos ao domínio dos segmentos sociais mais ricos. Aos pobres restaram as alternativas de ocuparem regiões afastadas, encostas de morros, áreas de mangue, enfim, áreas que não atraíram a atenção da “cidade organizada”. Exceto quando alguma tragédia se abatia sobre as populações, culpando-se sempre as pessoas que “teimavam” em ocupar áreas impróprias e, ainda mais, erguendo moradias improvisadas.

A desterritorialização dos pobres que trabalhavam na agricultura e o consequente êxodo rural marcaram o processo de modernização conservadora, tocado em ritmo frenético por diversos governos. E os atrativos das cidades funcionaram como catalizadores das esperanças de milhões de brasileiros, entretanto, a riqueza produzida ainda não se traduziu em melhorias substanciais para os habitantes das áreas marginais.

O modelo urbano-industrial¹ se consolidou e a demanda por produtos provenientes da agropecuária moderna cresceu exponencialmente. A dinâmica rural-urbana se alterou substancialmente e a separação (advinda da velha leitura tradicional entre campo e cidade), torna-se cada vez mais complexa, assumindo feições ambíguas. Inúmeros estudos apontam as atividades não agrícolas no espaço rural; remetem ao debate sobre pluriatividade, multifuncionalidade, reestruturação da vida rural. De outro lado, processa-se a crítica ao processo de urbanização desordenada; reconhecem-se as limitações do “modelo” urbano-industrial; debate-se a revalorização do meio rural, mas, o elemento unificador que perpassa a maioria dos estudos é a supremacia do

¹ “A dominação da cidade sobre o campo, expressão da divisão entre o trabalho intelectual e trabalho manual, segundo Marx, da centralidade e comando do mercado, segundo Weber, é dos fatos que marcaram definitivamente as sociedades humanas desde tempos remotos, e marcam ainda mais a sociedade capitalista industrial, hoje globalizada através de suas cidades e do espaço social urbanizado” (MONTE-MÓR, 2006, p. 185).

urbano. Enfim, o desenvolvimento rural se evidenciaria com a replicação de elementos do moderno mundo urbano.

As novas faces da dinâmica rural-urbana também se expressam através da realização de atividades consideradas típicas do meio rural nos perímetros urbanos, tais como: o cultivo de pequenas áreas para consumo da família, hortas, chácaras na zona urbana, enfim, uma série de atividades associadas por estereótipos ao meio rural.

Nas pequenas cidades é ainda mais perceptível a existência de elementos e características rurais no espaço urbano e/ou em áreas de expansão urbana. Verificando-se as transformações socioespaciais a partir da paisagem, inclusive observando-a ao longo do tempo.

Dentro desse contexto, delimitamos para efeito de aplicação de nosso estudo empírico-analítico, o bairro “Riacho do Meio”, localizado no município de Pau dos Ferros-RN. A escolha deste bairro se deu pelo fato de que o mesmo possui um conjunto de características que refletem essa coexistência espaço-temporal (ruralidades e urbanidades). Assim, afirmamos que o objetivo é analisar a paisagem do bairro, caracterizando-a e apontando os elementos rurais existentes no local.

2. METODOLOGIA

Este trabalho foi desenvolvido nas seguintes etapas: primeiro efetuou-se um levantamento bibliográfico que possibilitou um melhor entendimento sobre a paisagem, e as ruralidades no espaço urbano. Na etapa seguinte foi realizada a pesquisa de campo onde foram realizadas entrevistas com os moradores do bairro, e observação direta (fotografias). Para isso, foi elaborado um roteiro semiestruturado que orientou o conteúdo dos questionamentos. Após a coleta de dados procedeu-se a seleção das informações, baseadas nos objetivos da pesquisa. O passo seguinte foi o agrupamento dos assuntos para análise, interpretação através das fotografias e posterior conclusão.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 A PAISAGEM COMO CATEGORIA DE ANÁLISE

A paisagem se constitui em elemento primordial em várias ciências, dentre elas a Geografia, sendo a mesma importante na análise das transformações do espaço no decorrer do tempo histórico, devendo-se levar em consideração que a compreensão da paisagem envolve a

observação de aspectos econômicos, sociais, culturais, políticos e ambientais, pois esses elementos fazem parte da configuração da paisagem. Entretanto, cabe salientar que tal análise implica em não considerar o espaço apenas pela materialidade, necessitando-se compreender e valorizar também as transformações socioespaciais a partir de aspectos subjetivos.

A paisagem como uma categoria de análise, a priori, não possui uma definição marcada pela materialidade, não sendo suscetível a uma análise objetiva. Nesse sentido, busca-se uma valoração da paisagem, além de compreender sua configuração e transformação (temporal, humana e material), ou seja, uma percepção que leve em consideração o aspecto subjetivo e cognitivo humano, o seu grau de pertencimento a um grupo social e também como elemento que constitui a paisagem (PIRES *et al*, 2016).

Sobre a definição de paisagem é importante enfatizar que seu estudo exige uma abordagem interdisciplinar, sendo que, no âmbito da Geografia, apresentou momentos de grande ênfase, seguidos de outros com pouca utilização.

A visão integradora da análise da paisagem significa percebê-la na perspectiva material e imaterial, ou seja, dos aspectos palpáveis e percebidos através da observação, que parte de cada indivíduo. Assim, nos últimos anos, o conceito passou a ser utilizado também por outras áreas, como Arquitetura e Urbanismo, que passaram a considerar a paisagem como fonte de análises nas suas pesquisas.

O termo "paisagem" é, no senso comum, associado ao que é considerado belo e agradável para os olhos dos expectadores, amplificando-se tal perspectiva pelos "cartões postais" e fotografias de locais paradisíacos. Contudo, importantes contribuições acadêmicas, destacando-se a de Santos (1997), evidenciaram que a paisagem corresponde ao raio de alcance do observador, incluindo imagens, sons e odores.

Entende-se a relevância do conceito quando se considera que os sujeitos estão sempre em contato com a paisagem na sua vida cotidiana, nos seus movimentos de ida e vinda, seja no campo ou na cidade, na casa, na rua ou no bairro (DANTAS; MORAIS, 2010). “Os objetos fixos e móveis se (re) organizam, compondo o cenário em que se desenrola a vida, em processos de redefinições socioambientais e afetivas” (DANTAS; MORAIS, 2010, p.5).

Serpa (2010) faz um resgate sobre as principais ideias presentes no texto da conferência proferida pelo autor Milton Santos, no II Encontro Nacional de Ensino de Paisagismo em Escolas de Arquitetura e Urbanismo do Brasil, realizado na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo em 1995, e a partir disso, traz algumas considerações importantes sobre o tema, por exemplo, enfatiza a possibilidade de crítica sobre a paisagem como artefato e como

sistema. E ainda, salienta que a paisagem se constitui em uma produção humana, que tem como característica a interligação de um conjunto de sistemas e objetos.

A paisagem pode ainda ser observada na perspectiva da riqueza, já que existem paisagens que melhor favorecem a produção da riqueza nos aspectos ideológicos. “A paisagem sempre exprime e condiciona um conjunto de crenças e ideias, transmitindo ideologia(s), e como história, já que a paisagem cristaliza momentos e períodos históricos em seus processos de constituição [...]” (SERPA, 2010, p. 132).

Compreende-se que a paisagem passa por constantes modificações ao longo do tempo histórico, não podendo-se referir a paisagem como algo imutável. Aspectos estruturais, econômicos, sociais, ambientais e culturais de uma determinada cidade, ou, em menor escala, um bairro, vão passando por mudanças que envolvem intensidade e ritmos variados. Essas mudanças se dão no espaço e com ele resulta as transformações da paisagem, que são influenciadas pelas necessidades da sociedade.

3.2 AS RURALIDADES NO ESPAÇO URBANO

O espaço urbano é um produto da sociedade e o “[...] processo de ocupação espacial foi pautado por uma desruralização e pela concentração da população nas áreas urbanas. Esse fenômeno não se deu de forma homogênea no espaço nacional” (BELTRÃO e CAMARANO, 2000, p. 27). Como produto social é necessário observar a dinâmica territorial na qual o espaço urbano se insere, pois a “desruralização” se processa em conformidade com as características específicas de cada região.

Wanderley (2000, p. 88), baseando-se em Kayser (1990, p. 13), afirma que:

O ‘rural’ é um modo particular de utilização do espaço e de vida social. Seu estudo supõe, portanto, a compreensão dos contornos, das especificidades e das representações deste espaço rural, entendido, ao mesmo tempo, como espaço físico (referência à ocupação do território e aos seus símbolos), lugar onde se vive (particularidades do modo de vida e referência identitária) e lugar de onde se vê e se vive o mundo (a cidadania do homem rural e sua inserção nas esferas mais amplas da sociedade).

As características do rural se referem ao espaço físico, mas também, e fundamentalmente, a simbologia, ao modo de vida, aos valores que se cultivam e ao sistema de referências que se utilizam para se posicionar no contexto social. Saliente-se que, mesmo nas pequenas cidades, a vida

cotidiana é permanentemente bombardeada pelo discurso da modernidade, especialmente, confrontando “particularidades” e apontando-as como elementos do atrasado/arcaico e, portanto, fadadas ao desaparecimento.

O reconhecimento da superioridade do padrão urbano em relação ao rural implica na admissão do desaparecimento dos “elementos” associados ao arcaico. Tudo seria questão de tempo para o desaparecimento da dicotomia rural-urbano com a aglutinação dos espaços atrasados

Enquanto a homogeneização² do “padrão moderno” não se efetiva em todos os espaços permanece a necessidade, inclusive legal, de se estabelecerem os critérios delimitadores entre o que é urbano e o que é rural.

As dificuldades para a definição do perímetro urbano e as áreas de expansão decorrem principalmente dos interesses dos proprietários das terras, geralmente, para fins de especulação imobiliária. Neste aspecto as áreas “ruralizadas”, mas de interesse imobiliário são as mais suscetíveis a “desruralização” e os espaços menos atrativos para especulação são, geralmente, os locais mais prováveis para a existência de “elementos rurais”.

3.3 O BAIRRO RIACHO DO MEIO EM PAU DOS FERROS-RN

Segundo a Secretária Municipal de Saúde de Pau dos Ferros-RN (2016), o bairro Riacho do Meio, possui cerca de 1.200 residências, alguns estabelecimentos comerciais como: lojas, supermercados, farmácias, uma Unidade Básica de Saúde, uma creche, um cemitério, um ginásio de esportes e uma escola de Ensino Fundamental.

Com base em entrevistas com antigos moradores, constatou-se que a origem desse recorte espacial está estreitamente ligada ao Açude Público 25 de Março, percebendo-se a importância do acesso à água para consumo humano e para a prática de atividades produtivas, como os fatores principais para o início da ocupação. A denominação do local (bairro Riacho do Meio) se deve ao fato da sangria do açude dividir a localidade ao meio durante os anos de invernos mais vigorosos.

² Veiga (2004), baseando-se em Kayser (1990) trata da tese de renascimento rural: “O argumento central de Kayser é de que a alteração da tendência demográfica não deveria ser vista como um fenômeno superficial ou passageiro. Para ele, algo que até poderia parecer acidental, ou localizado, se revelava um verdadeiro fenômeno ‘societal’. O repovoamento, os modos de vida, a recomposição da sociedade em vilarejo (*villageoise*), as atividades não-agrícolas, as políticas de ordenamento, a políticas de desenvolvimento local, e as práticas culturais estariam mostrando que a dimensão demográfica seria apenas um indicador do que já estava ocorrendo nos países desenvolvidos: um renascimento rural.”

Os primeiros moradores que se estabeleceram nas cercanias do açude foram, conforme as entrevistas realizadas, oriundos de outros municípios do Rio Grande do Norte e de outros estados como, Paraíba e Ceará. A explicação mais plausível sobre as origens dos primeiros moradores é que os paufferenses já estabelecidos em outras áreas da cidade, não se interessaram em mudar para o entorno do açude logo no início da construção do reservatório.

Na Figura 01, pode-se observar uma das primeiras residências construídas no bairro no ano de 1912.



Figura 01: Uma das primeiras residências construídas no bairro (1912)
Fonte: Arquivo dos autores, 2016.

Ressalve-se que, atualmente, não existem mais as moradias de pau-a-pique erguidas no entorno do açude no início da ocupação, e a simbologia da casa de alvenaria construída em 1912 logo desaparecerá, pois os atuais proprietários pretendem demoli-la em breve.

A informação sobre a demolição, após a nítida descaracterização do imóvel centenário, sugere a desídia com o patrimônio histórico da cidade. Mas, infelizmente, a situação não é isolada, pois a desatenção do Poder Público se apresenta também pela inexistência de Plano Diretor e do Código de Obras. A ausência de normatização não permite a definição exata dos limites do bairro e até os moradores mais antigos não têm certeza sobre os limites³.

3.4 A PAISAGEM DO BAIRRO RIACHO DO MEIO

No que se refere às ruralidades encontradas no bairro, nota-se que à medida que se afasta do Centro, há uma tendência no aparecimento de aspectos condizentes ao modo de vida rural, bem como, observa-se que a infraestrutura existente ainda não confere aspectos totalmente urbanos ao

³ Existem catalogações (como o estabelecimento da população adscrita e vinculada a Estratégia de Saúde da família da Unidade Básica de Saúde do bairro) e divisões como as estabelecidas pelas Companhias de Abastecimento de Água e a de Energia Elétrica.

local. Tais fatos podem ser perceptíveis nos aspectos das paisagens que revelam as formas e funções existentes nas Figuras 02 e 03.



Figura 02 e 03: Paisagens do bairro Riacho do Meio – Pau dos Ferros-RN

Fonte: Arquivo dos autores, 2016.

Outro aspecto que caracteriza as ruralidades pode ser identificado nos modos de vida dos moradores da área, na qual se percebeu hábitos tipicamente rurais como: a criação de aves engaioladas, galinhas (Figura 04), bois e vacas, além de plantações de hortaliças e milho (Figuras 05) nos limites das residências (quintais).



Figuras 04 e 05: Criação de galinhas e plantações de hortaliças e milho

Fonte: Arquivo dos autores, 2016.

Além disso, outras características que atrelam o bairro à dimensão do rural foram observadas através do uso de carroças para o transporte de mercadorias pesadas, em substituição dos carros, percebendo-se como o rural penetra no urbano, através de uma prestação de serviço considerada de caráter rural.

Os depoimentos das pessoas entrevistadas também estão ligados aos aspectos da ruralidade, já que muitos dos moradores se reportam a prática da agricultura, enfatizando a cultura do algodão, e a pesca no Açude 25 de Março, como elementos presentes no período de formação do

bairro e que não são mais possíveis. Apresentando-se um caráter saudosista que, de alguma maneira, é mitigado pelas práticas possíveis na contemporaneidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante salientar que a realização do trabalho sobre os aspectos rurais no Bairro Riacho do Meio, constitui-se em uma forma de instigar novas pesquisas acadêmicas, tendo em vista que muitas perguntas e inquietações foram surgindo no percurso de sua concretização, como: até onde vai o urbano e o rural do referido bairro? Pode-se defini-lo, de fato, como uma área urbana? A gestão municipal tem algum critério diferenciado para realizar intervenções nas áreas rurbanas.

São muitas as discussões que envolvem o aparato teórico conceitual sobre a definição do rural e do urbano e, mesmo não sendo os objetivos do estudo não poderiam ser deixados de lado, visto sua importância para a compreensão da realidade.

Assim, compreende-se que as observações das paisagens (entendida como aspecto visível ou observável) juntamente com os aspectos históricos vivenciados e relatados pelos moradores do bairro pesquisado, contribuíram para o entendimento de que muitas das características do campo estão presentes no bairro Riacho do Meio em Pau dos Ferros-RN.

Por fim, os moradores não se restringem à produção de hortaliças, criação de galinhas, ovinos e bovinos somente para o consumo interno da família, destinando-se parte dos produtos para a comercialização na residência (durante a semana) e na feira livre do município (sábado), o que se torna uma forma de reprodução socioeconômica tipicamente rural dentro do bairro, considerado oficialmente como urbano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRITTO, M. C; FERREIRA, C. C. M. Paisagem e as diferentes abordagens geográficas. **Revista de Geografia - PPGeo** - v. 2, nº 1, p. 01-10, 2011.

DANTAS, A; MORAIS, I. R. D. **Paisagem como categoria da análise geográfica**. Disponível em: <file:///C:/Users/POSITIVO/Documents/atividades%20do%20mestrado/paisagemmm.pdf>. Acesso em: 06 de set. 2016.

PAU DOS FERROS. **Prefeitura Municipal**: site oficial. Disponível em: <http://prefeituradepaudosferros.com.brphd?id=222> >. Acesso em: 22-09-2016.

PIRES, V. R. *et al.* **As transformações da paisagem urbana do bairro Nossa Senhora das Dores no município de Santa Maria/RS**. Disponível



em: <file:///C:/Users/POSITIVO/Documents/atividades%20do%20mestrado/paisagem%20do%20bairro.pdf>. Acesso em: 06 de set. 2016.

SANTOS, M. **Pensando o espaço do homem**. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

SERPA, A. Milton Santos e a paisagem: parâmetros para a construção de uma crítica da paisagem contemporânea. **Paisagem ambiente: ensaios** - n. 27. São Paulo, p. 131 – 138, 2010.

VEIGA, J. E. da. **Destinos da ruralidade no processo de globalização**. *Estudos Avançados*, n.51, p.51-67, maio/ago. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v18n51/a03v1851.pdf>>. Acesso em: 04-09-2016.

WANDERLEY, M. N. “**A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades avançadas – o rural como espaço singular e ator coletivo**”. *Estudos Sociedade e Agricultura*, 15, out. 2000, pp. 87-145. Disponível em: <<http://r1.ufrjrj.br/esa/V2/ojs/index.php/esa/article/viewFile/178/174>>. Acesso em: 04-09-2016.

